



## A REPETIÇÃO COMO PROCESSO POÉTICO

### REPETITION AS A POETIC PROCESS

Emerson Massoli<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Maria  
Associado/a/e ANPAP: Não

Reinilda Minuzzi<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria  
Associado/a/e ANPAP: Sim

#### RESUMO

O seguinte artigo aborda a instauração de uma proposta artística, possuidora da repetição como fio condutor, analisando os processos e os percursos do fazer e pensar arte articulados a esse termo. Desta forma, apresentam-se considerações acerca do conceito de repetição, fundamentado em alguns filósofos, assim como disserta-se sobre a repetição como processo artístico na Arte Contemporânea.

**Palavras-Chave:** Arte Contemporânea. Poética Artística. Repetição. Escrita. Subjetividade.

#### ABSTRACT

*The following article discusses the establishment of an artistic proposal with repetition as its guiding thread, analyzing the processes and paths of making and thinking about art linked to this term. In this way, it presents considerations about the concept of repetition, based on some philosophers, as well as discussing repetition as an artistic process in Contemporary Art.*

**KEYWORDS:** *Contemporary Art. Artistic Poetics. Repetition. Writing. Subjectivity.*

Os atos repetitivos e a própria repetição são movimentos cada vez mais frequentes dentro do contexto de vida contemporânea, influenciando positiva e negativamente

---

<sup>1</sup> Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Bacharel em Artes Visuais na mesma instituição e Licenciado em Artes Visuais (Formação Pedagógica) no Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Membro integrante do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq - UFSM. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4489512123312799>

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia de Produção/Gestão do Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orientadora e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq - UFSM. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1234650265478193>



em inúmeras dimensões. A repetição molda os nossos modos de experienciar a vida, as formas como nos relacionamos em sociedade, a maneira como nos percebemos como sujeitos, assim como a nossa subjetividade. Utilizando do conceito de Giorgio Agamben (2009) a repetição é mais um dos inúmeros dispositivos da contemporaneidade.

Sendo um dispositivo, a repetição em determinadas circunstâncias é imperceptível, contudo, em outras ela se faz presente e sua percepção é essencial para a sua propagação, assim como no ambiente virtual com a repetição de imagens.

Diante da constante profusão de imagens, a repetição se torna algo comum em meio ao ambiente virtual, onde reproduzir, compartilhar e copiar algo é uma tarefa fácil, rápida e possível a todos; não sendo muito diferente do ambiente físico e da materialidade.

O original torna-se difícil de identificação, perde sua identidade diante de tantos outros objetos ou imagens semelhantes a si, ou até mesmo e, mais frequentemente, idênticos. Em determinados contextos o original não possui valor algum, o que adquire relevância é a própria repetição, a quantidade de reproduções e os inúmeros desdobramentos em que uma imagem ou elemento podem atingir.

Em outra perspectiva, a repetição está atrelada ao capitalismo e suas demandas ou exigências. O sistema econômico exige uma reprodução e acúmulo em massa de bens de consumo; tais circunstâncias de funcionamento deslocam-se e afetam o modo de vida dos sujeitos inseridos nesse contexto contemporâneo, onde a ação de repetir torna-se, muitas das vezes, um ato inconsciente e constante.

Em meio a presença da repetição na vida contemporânea, a arte atual desloca-a para suas produções visando o seu questionamento. Os artistas, nas suas mais variadas maneiras de se fazer e pensar arte, compreendem a repetição como uma potência para abordar e problematizar as questões presentes no nosso tempo, bem como subverter a repetição como o próprio ato artístico.



Um questionamento surge diante da percepção da constante presença da repetição em nossas vidas: Nós sujeitos somos uma repetição? Em inúmeras perspectivas a resposta seria sim, no entanto, necessária de contestação. O que nos torna diferentes em meio a tantos sujeitos semelhantes? Apenas a nossa subjetividade? Como extrair essa diferença subjetiva das nossas repetições cotidianas?

São essas indagações e o estado de inquietude que motivam e impulsionam-me a realização da prática artística analisada neste artigo. Desta forma, apresento considerações acerca do conceito de repetição, fundamentado em alguns filósofos; disserto sobre a repetição como processo artístico na Arte Contemporânea e, por fim, comento a instauração de uma produção própria, possuidora da repetição como fio condutor.

## **Repetição e Diferença**

Desde o princípio do mundo a questão da repetição é ponto central para os humanos, e por consequência, material de estudos para inúmeros filósofos, tais como Hegel, Kierkegaard, Nietzsche e Freud<sup>3</sup>. Tem-se o conhecimento, por uma visão conjunta dos pensadores citados acima, que no começo tudo era caos, e que um silêncio absoluto sobre isso era realizado. No entanto, após o primeiro dia e a primeira palavra, uma nova perspectiva se inicia.

Rompido o silêncio do caos, o que se ouviu foi a palavra enigmática e lacunar do mito contanto a história dos começos. Frente ao indeterminado, surge o mito narrando a ordem primeira, ordem esta concebida não como anterior ao caos, mas como um efeito dele, não como fundamento necessário aos acontecimentos ou como razão imanente ao mundo e às coisas, mas como resultante do acaso original (Garcia-Roza, 1986, p.27).

Desta forma, o humano passou a ordenar o caos criando modelos para os acontecimentos do presente e do futuro. Como exemplo deste fato, se tem as vivências dos indivíduos gregos, bem como os deuses e heróis, na qual os seus atos não são preestabelecidos por uma lei ou ordem anterior, eles que dão origem aos demais atos a partir do caos original. Esses acontecimentos primordiais, uma vez



realizados, tornam-se modelo para a conduta dos demais indivíduos (Garcia-Roza, 1986).

A partir da criação desta conduta de atos, os humanos passaram a repetir esses modelos, sendo através da repetição que os fatos e ações do cotidiano ganhavam sentido e realidade. “Os acontecimentos do mundo não possuíam realidade em si mesmos, mas apenas na medida em que repetiam acontecimentos pretéritos” (Ibdem, p. 27). Nessa perspectiva, se tem o princípio da repetição e sua relevância no desenvolvimento da humanidade como um fator que dá sentido às ações dos sujeitos, assim, entende-se que o que há de verdadeiro no mundo é provido de uma repetição, estando contido em uma ação primordial e que se reverbera por meio da repetição; o que não é repetição, e se revela como estranho, está imerso no caos, necessitando de sentido e de realidade.

Kierkegaard afirma que a repetição não é reminiscência, nem mesmo uma repetição natural, imposta por uma lei. Para o filósofo, o conceito de repetição surge do confronto, da subjetividade com a realidade, nos indagando com a questão principal de seu pensamento: “Uma coisa, ao ser repetida, ganha ou perde?” (Kierkegaard Apud Garcia-Roza, p. 27).

O questionamento do filósofo é pertinente à poética referida nesse texto, tanto pelo ponto de vista do entendimento da repetição como procedimento artístico, quanto da repetição como potência de processos subjetivos. Tal indagação me impulsiona a investigar e deslocar a repetição como conceito operatório para o campo das artes. Motivando-me, por meio do fazer artístico, desvelar e refletir acerca das possibilidades da repetição como processo na arte contemporânea, analisando o que se ganha e o que se perde em meio a repetição de elementos e imagens, independentemente do ambiente ou espaço, este podendo ser híbrido; assim como refletindo qual o papel do artista, o agente da repetição, nesses movimentos, qual o impacto subjetivo da repetição na minha vivência, vulnerável aos processos de subjetivação advindos das repetições, ainda em articulação com minhas questões internas exteriorizadas como conteúdo das produções.



Kierkegaard distingue a repetição em dois tipos, a repetição numérica, caracterizada como uma reprodução pura de algo, e a repetição propriamente dita. Na primeira a repetição é entendida como uma forma de manutenção do mesmo, facilmente encontrada na natureza, expressa na forma de lei e diz respeito à semelhança, à generalidade; contudo, o que diferencia a numérica da repetição em si, é a produção de diferenças no centro desta última, que vai contra a lei (Kierkegaard Apud Garcia-Roza, 1986).

Assim, entendemos que a repetição é algo que diz respeito a uma singularidade, que afirma a eternidade, porém difere da permanência. Gera-se uma diferença no centro das repetições, fazendo com que não seja sempre a repetição de um mesmo, ações repetitivas do mesmo ato ou acontecimento, não são as mesmas das anteriores, existe algo que torna essa ação única, o que Kierkegaard chama de repetição diferencial.

Na mesma perspectiva, Gilles Deleuze (2018) afirma que a repetição não é a generalidade, e que entre a repetição e a semelhança, a diferença é de natureza. Assim, a generalidade é apresentada em duas grandes ordens, a qualitativa das semelhanças e a quantitativa das equivalências.

Desse modo, repetir é comportar-se em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. A repetição possui como conduta externa um eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular, concretizando-se em uma potência. Pode-se representar a repetição como uma semelhança extrema ou uma equivalência perfeita, no entanto, a passagem de uma coisa à outra não impede que haja diferença de natureza entre as duas.

Deleuze (2018) afirma que no ato de repetir está presente, por natureza, uma diferença que se sobrepõe sobre os repetidos. Nesse sentido, a diferença habita a repetição, ela nos faz passar de uma ordem a outra da repetição; a diferença está entre duas repetições, assim como a repetição também está entre duas diferenças. A repetição é como uma passagem de um estado das diferenças gerais à diferença



singular, das diferenças exteriores à diferença interna, em resumo, a repetição é como o diferenciador da diferença.

Se a repetição existe, ela exprime ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos esses aspectos, a repetição é a transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística (Deleuze, 2018, p. 19).

Assim, interpreta-se como possível que as mais variadas formas de repetição (mecânica, virtual, manual, habitual, cotidiana, mental, entre outras) são viáveis de servirem como potência para a produção artística contemporânea, no entanto, deve-se extrair dessas repetições uma diferença, que é de natureza da ação de repetir, a fim de produzir arte a partir e por meio da repetição, sendo tanto um conceito quanto como estética no fazer artístico. Desta forma, refletindo uma diferença, tanto no sujeito, o artista, que opera e faz arte através da repetição, quanto aos sujeitos que entrarem em contato com essa arte, potencializadora de processos reflexivos, portanto, também subjetivos, acerca das repetições as quais os indivíduos contemporâneos são impostos, bem como produzem.

Com base na concepção de repetição diferencial de Kierkegaard, utilizar da repetição como procedimento artístico e como potência para processos subjetivos, configura afirmar que as repetições advindas destes movimentos estão cercadas por disfarces, possibilitados por uma máscara, neste caso, o agente da repetição, o artista. Em meio às ações repetitivas do fazer artístico algo está encoberto nessas repetições. Uma parte da subjetividade do artista repetidor está latente para ser exteriorizada, ao mesmo tempo que há uma pulsão pela morte de outra parte desta subjetividade.

## **A repetição na Arte Contemporânea**



Desde os princípios da Arte Contemporânea a repetição já se fazia presente como elemento constituinte das produções, sendo tanto tema, explorado esteticamente, quanto procedimento em técnicas artísticas e ações repetitivas. Com a *Pop Art*, a repetição ganha relevância, explorando a visualidade das imagens semelhantes, as possibilidades das técnicas de reprodução (serigrafia), assim como questionando e subvertendo o sistema ao qual a repetição obtém sua potência, o capitalismo.

Na *Op Art*, a repetição serve como base para a construção das imagens, nas quais ela é fator crucial para alcançar os objetivos estéticos do movimento, sendo utilizada por muitos artistas do movimento como procedimento, visando a repetição de formas em uma mesma imagem.

O conjunto de aspectos relacionados aos dois primórdios da Arte Contemporânea, constitui a grande maioria das características das produções artísticas e das concepções dos artistas que exploram a repetição atualmente. Neste sentido, utiliza-se a repetição como procedimento artístico, investigando a visualidade das imagens reproduzidas, as possibilidades e limites dos meios de repetição, tanto manuais e analógicos, quanto com tecnologias avançadas; indaga-se as questões que ainda perpassam a arte, de “original” e “cópia”, assim como a origem e autoria do ato criativo; por meio da repetição nas produções contemporâneas, também se realizam críticas e análises às mais variadas dimensões da repetição na vida dos sujeitos.

Icleia Cattani (2004) define a repetição na Arte Contemporânea como sendo todos os processos que de alguma forma repetem o já existente ou são procedimentos que estabelecem sistemáticas absolutas, organizações recorrentes que não permitem quase variação, além das repetições também serem processos cumulativos, em que os elementos se acrescentam uns aos outros, neste caso elementos semelhantes.

Dessa forma, a autora afirma que a repetição deve ser vista sob dois enfoques diferentes. O primeiro deles é o enfoque de procedimento, o qual é a soma de comportamentos pessoais, singulares a cada um dos artistas e seus modos de fazer artísticos; neste caso, atitudes criativas e também a soma de recursos artísticos, entrando aqui os meios técnicos, já existentes, independente do tipo de tecnologia ou



processo manual, assim como as invenções formais decorrentes das práticas artísticas em busca da concretização das concepções formais de cada artista (Cattani, 2004).

Já o segundo enfoque é referente ao estilo, neste caso, estilo é tido, pela autora, como uma forma constante que de algum modo singulariza um sujeito ou seu trabalho. Assim, a repetição neste segundo enfoque é baseada na expressão constante, aquilo que em uma obra não é aleatório ou casual e eventual, mas um elemento que é permanente e recorrente (Cattani, 2004).

Neste enfoque, a repetição é o que individualiza e caracteriza, principalmente, o conjunto de produções de um artista ou mesmo o seu fazer artístico como um todo, assim, a repetição artística se diferencia da repetição industrial do capitalismo, na arte não é um processo anônimo, mas sim, um elemento que pode vir a ser uma assinatura do artista. Seguindo essa perspectiva, a repetição de elementos também particulariza séries de trabalhos, possibilitando realizar a diferenciação dos conjuntos de trabalhos.

Para Cattani (2004) esses procedimentos de repetição só podem existir na contemporaneidade pelo esgotamento das possibilidades de criação de obras radicalmente novas. Nesse contexto, a autora considera que o momento contemporâneo da arte, dentro do contexto de não existir o novo, coloca novas questões que suscitam das repetições para chegar no cerne de novas diferenças constitutivas.

Nessa perspectiva, com as técnicas de reprodução, as imagens e a arte como um todo avançam para um novo panorama da produção artística. Adquire-se novos horizontes para as imagens, sua liberdade diante de inúmeros aspectos, em especial, a busca pelo inédito e desvinculação com algum dos aspectos tradicionais de originalidade, possibilitaram que a repetição fosse um aspecto presente nas produções contemporâneas.

O advento das tecnologias digitais também possibilitou que a relação arte-tecnologia, com a repetição alcançasse novos patamares, visto que repetição já se encontra no cerne dos sistemas tecnológicos e que, dentro do ambiente virtual, é um aspecto



natural e ação constante. Assim, resultando em produções artísticas, em arte e tecnologia, utilizando da repetição nas suas infinitas possibilidades.

A repetição na arte contemporânea se apresenta de diversas formas nas produções artísticas, adquirindo aspectos de procedimentos artísticos únicos em vinculação ao fazer singular e concepção de arte de cada artista, observamos como exemplos desta investigação da repetição na arte contemporânea, os trabalhos de Yayoi Kusama, Antony Gormley e Elida Tessler. Utilizada como metodologia, estética, conceito ou/e crítica à sociedade atual, sua presença se faz constante, intencionalmente ou não, pois também faz parte das imposições e estilo de vida contemporâneo. Assim, as produções e, principalmente, os sujeitos/artistas são impactados pelos aspectos repetitivos, posteriormente, afetando através da arte, novamente, os impulsos dessa vida cercada de profusões de repetições.

## Repetição como processo artístico

Em “Notas do luto de um amor” explora-se a repetição como técnica artística por meio da escrita, assim como sua visualidade como base para a configuração formal da obra. O trabalho, descrito como uma videoinstalação, é formado apenas pela projeção de um vídeo em preto e branco sobre inúmeras anotações em blocos de notas translúcidas (Imagem 1).

O conteúdo desta proposta são escritas referentes ao término de um relacionamento amoroso, em específico, ao período de luto da perda e finalização de tal relação. As frases, escritas manualmente sobre os blocos de notas transparentes, exteriorizam toda a minha subjetividade durante aquele momento doloroso pelo qual estava passando.

O que exploro de forma subjetiva, por meio da arte e da escrita como técnica artística é a vulnerabilidade em que me encontrava. Frases, na maioria questionamentos cruéis, sobre si mesmo, e principalmente, em relação a forma como amei o Outro e o modo pelo qual este correspondia a esse amor.

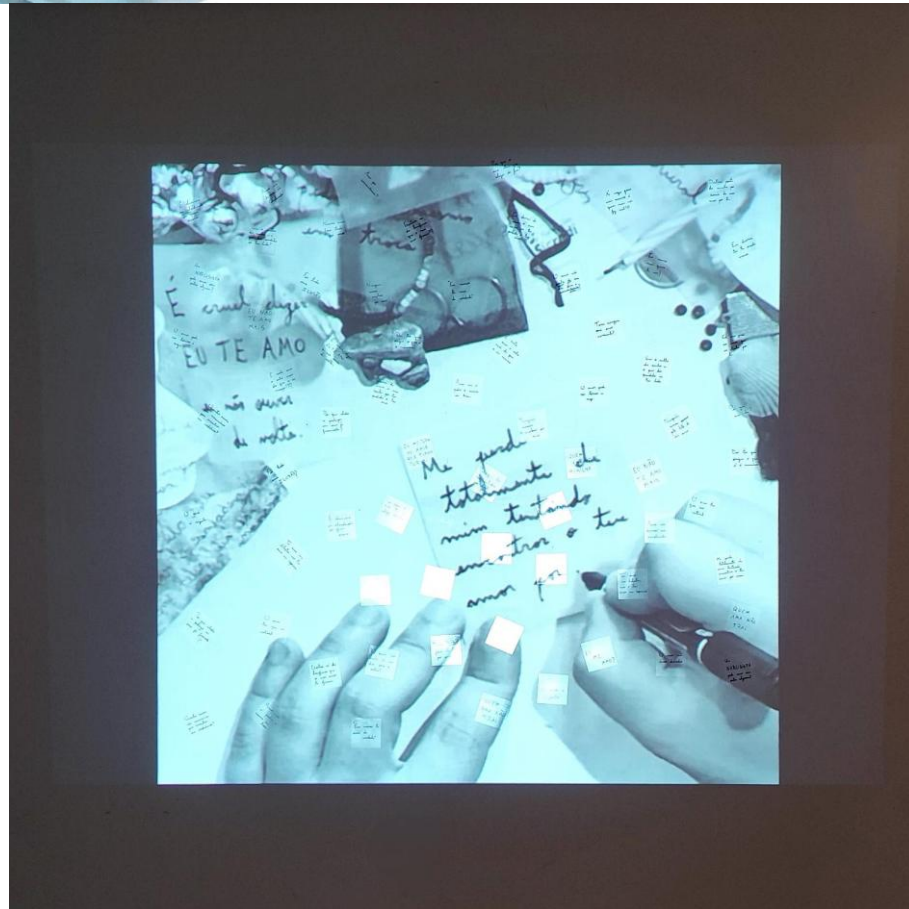


Imagem 1 - "Notas do luto de um amor". Fonte: Autor, 2025.

Com minha subjetividade em destaque e reflexão para mim mesmo, a escrita foi o meio pelo qual encontrei uma possibilidade para exteriorizar o turbilhão de novos pensamentos que surgiam desenfreadamente. Assim, considerei utilizar da escrita como uma técnica artística para o desenvolvimento das novas produções que surgiriam das reflexões deste momento subjetivo, em articulação com o conceito de repetição que já vinha sendo trabalhado.

A produção artística aqui descrita não se fecha apenas para a relação amorosa entre casais, o que impulsionou a sua instauração, mas sim para outras relações, levando em consideração que o trabalho foi desenvolvido pensando em exteriorizar a subjetividade advinda desta relação, porém a sua concretude formal não visa o registro artístico de tal acontecimento particular da minha vida e o armazenamento



privado do mesmo para apreciação. O trabalho é uma possibilidade e potência de experienciar e produzir novas subjetividades (Imagem 2).

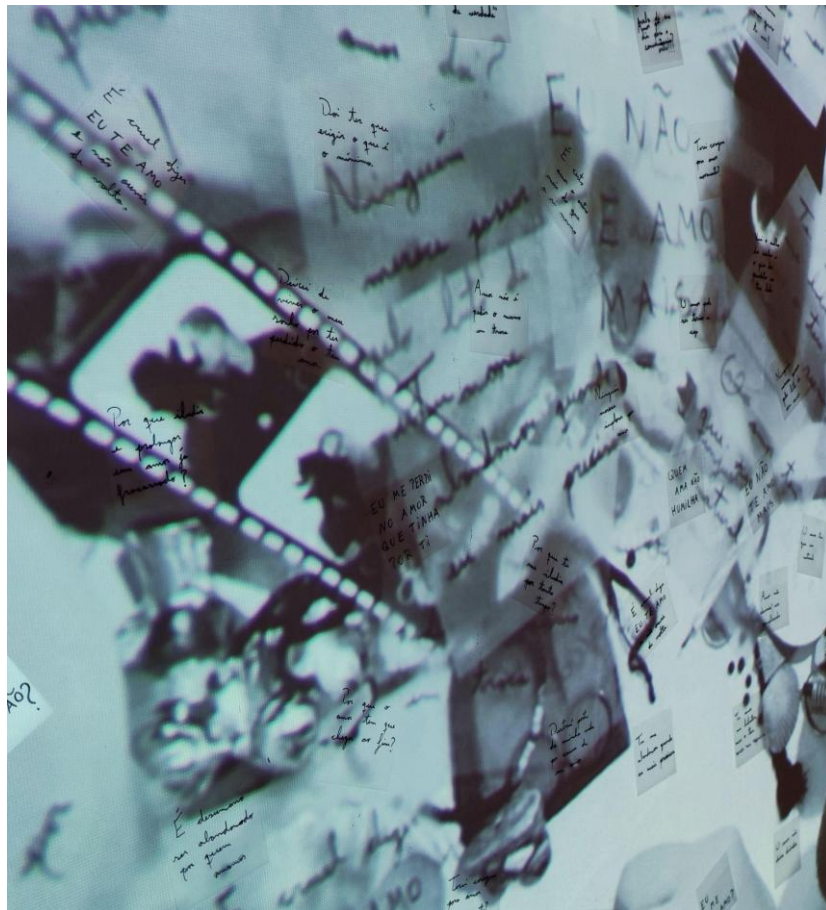


Imagem 2 - Detalhes “Notas do luto de um amor”. Fonte: Autor, 2025.

O processo de instauração desta proposta, mais específico, a escrita das frases, aconteceu de forma espontânea. Não foi colocado um prazo ou pressão para o registro destas escritas, elas foram sendo anotadas na medida em que iam surgindo no meu consciente, acompanhando as inúmeras etapas do luto de um amor. Período longo, no qual a escrita das frases não seguia um fluxo contínuo, podendo ser escritas inúmeras frases em apenas um momento, ao mesmo tempo que por meses não foram escritas nenhuma, sendo uma instauração natural e vulnerável ao tempo.



Assim, utilizou-se em um primeiro momento do aplicativo de notas do *smartphone* para realizar o registro espontâneo destas escritas. Após a escrita de inúmeras frases, teve início o desenvolvimento material da obra, neste caso, o processo híbrido de transferência das escritas de um meio para o outro, passando do espaço virtual do *smartphone* para o espaço físico das notas translúcidas.

A escrita das frases nos blocos de notas foi realizada manualmente, a qual, nesta produção, atribuo a minha subjetividade singular sobre os elementos, assim como as características formais da escrita individual de cada pessoa e o significado concedido ao conteúdo das frases. Desta forma, simulam a minha presença no trabalho, por meio da estética particular da escrita manual.

Essa presença física simulada também é intensificada no trabalho por meio do vídeo que compõe a instalação. Neste vídeo, em preto e branco, projetado na parede do espaço expositivo sobre as notas translúcidas, mostra o processo de escrita de algumas das inúmeras frases nos blocos de anotações.

O vídeo é ambientado sobre uma mesa com um minúsculo espaço livre, no qual apoio a mão e realizo a ação repetitiva de escrever sobre as notas, ao redor deste espaço estão presentes incontáveis objetos referentes ao relacionamento amoroso abordado no trabalho. Tais objetos como alianças, imãs de geladeira, pelúcias, livros, fotos, itens decorativos e até mesmo outros inúmeros blocos de anotações com mensagens amorosas, servem para ressaltar o contexto da relação, o fim deste relacionamento como impulso criativo para o desenvolvimento da proposta (Imagem 3).

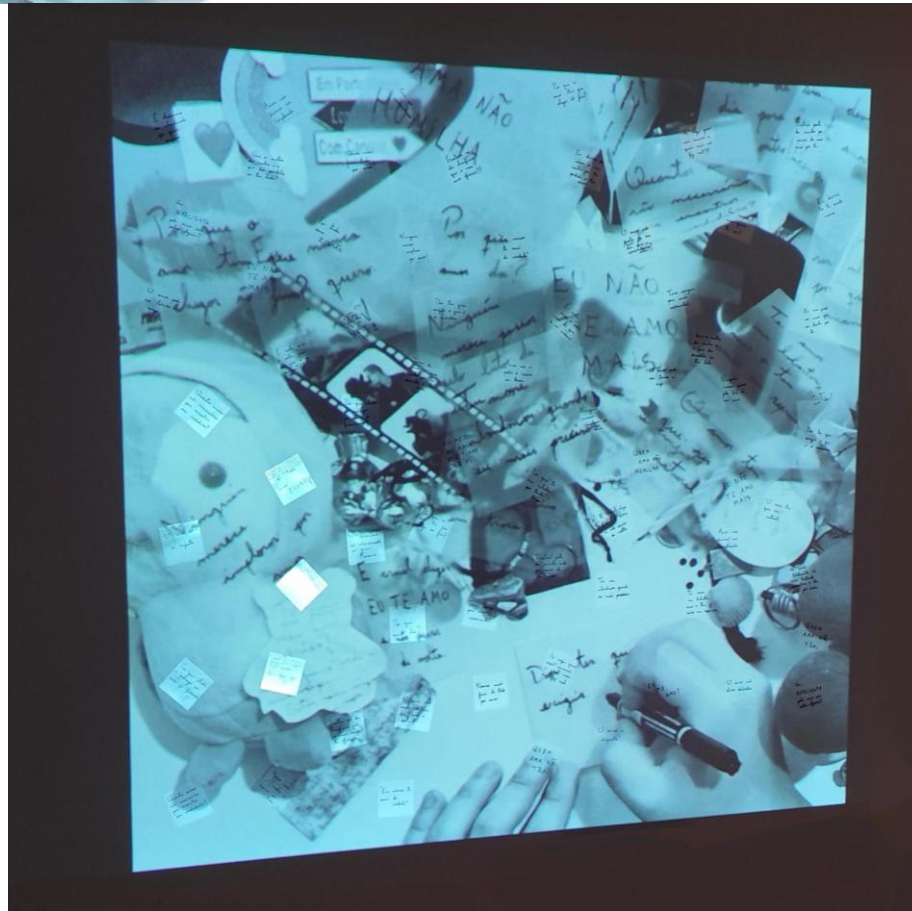


Imagem 3 - Projeção “Notas do luto de um amor”. Fonte: Autor, 2025.

Os objetos em sua maioria estão em estado deteriorado, pois o espaço no qual estavam armazenados foi atingido pelas águas das enchentes que afetaram o estado do Rio Grande do Sul nos meses de abril e maio de 2024. Tal acontecimento, de estrago destes objetos, colaborou para intensificar o estado de luto desse amor, assim como o significado atribuído por mim às frases presentes na proposta, por meio das notas, e a ação repetitiva de escrevê-las, registrada através do vídeo.

Por meio do vídeo também é possível observar os aspectos da repetição como base de desenvolvimento da poética. Nele é registrado o ato repetitivo da escrita manual, do esforço físico desta ação, que com a realização do mesmo ato incontáveis vezes, vai se modificando com o passar do tempo, no qual a escrita com o cansaço do esforço físico das mãos altera suavemente a forma de algumas letras e da minha escrita como



um todo. Neste ponto ressaltando as afirmações de Deleuze (2018) na qual em meio às repetições, a diferença está contida de forma natural.

O aspecto da repetição também é intensificado na forma de apresentação do trabalho, ressaltado na presença do mesmo elemento em inúmeras quantidades, no caso as notas fixadas na parede (Imagem 4). O conjunto formado pelas incontáveis notas e a visualidade da minha escrita individual formam uma unidade, cria-se uma estética composta por elementos com a mesma configuração formal, as notas translúcidas, assim como com os mesmos sinais gráficos, as letras, que em repetição e em diferentes combinações, formam distintas imagens, as frases, com incontáveis significados.

Em um primeiro momento decidi que seria apenas uma nota com cada frase, sem haver a repetição da mesma frase exposta no trabalho. Contudo, a primeira gravação do vídeo escrevendo as notas não resultou no que se esperava, assim sendo necessária uma segunda gravação, o que sucedeu duas notas com a mesma frase. Após o ocorrido, optei por utilizar os dois conjuntos de escritas, visto que ressaltaria ainda mais os aspectos da repetição, assim, contendo a escrita da mesma frase repetida duas vezes.

A reescrita das frases durante a gravação das tentativas do vídeo possibilitou a reflexão da potência da escrita como um processo de subjetivação, resultando em um autoconhecimento e autocuidado, para mim, quando utilizada com técnica artística.

Cria-se um paradoxo em meio a articulação entre a escrita e a sua repetição. Em uma primeira análise, ao escrever algo repetidas vezes possibilita-se a concretude material daquele pensamento que pairava sobre a mente do sujeito que realiza a ação, assim como proporciona a gravação de tal escrita, ou melhor de seu significado, intensificando a sua presença na memória como algo vivo e sólido.

Dentro deste paradoxo, entendo que o aspecto que se sobressai em cada escrita realizada é decidido pelo sujeito que executa o ato repetitivo de escrever no momento em que começa a ação. Nesta poética, possuindo a escrita como técnica artística e potência para a exteriorização das minhas subjetividades em forma de arte, proponho



por meio da prática artística explorar esses aspectos como agente da repetição e da ação de escrever, proporcionando para mim, durante a instauração do trabalho, a permanência ou o apagamento da subjetividade atrelada a cada uma das escritas.

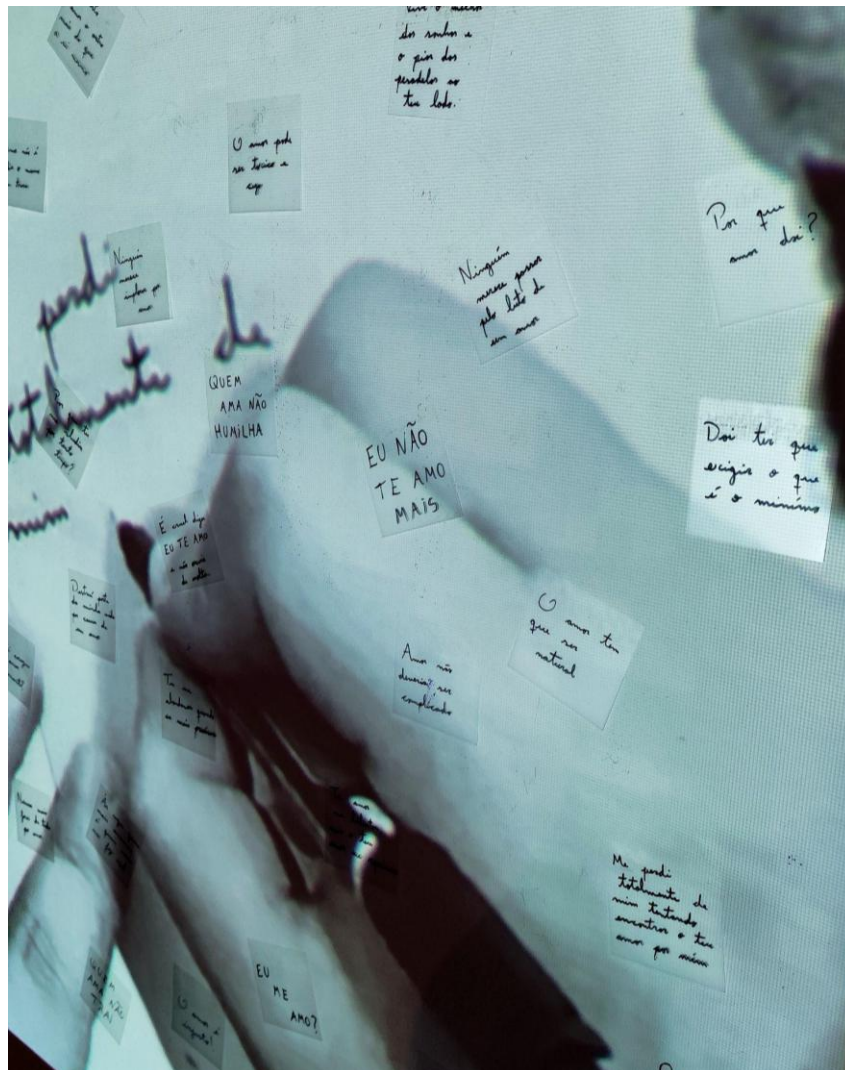


Imagem 4 - Anotações “Notas do luto de um amor”. Fonte: Autor, 2025.

O trabalho “Notas do luto de um amor” tem como ponto de partida a finalização de um relacionamento amoroso, a morte deste amor. Michel Foucault (2002), ao mesmo tempo que afirma que a escrita, desde de muito remotamente, é utilizada como uma técnica para possibilitar o cuidado e o conhecimento de si, é também a destruição de uma parte deste si. A verdade sobre tal sujeito é revelada através de uma ruptura ou



dissociação violenta do que vinha sido considerado uma verdade absoluta; essa quebra de um padrão, talvez de uma repetição de ações e pensamentos, é a potência que faz com que a realidade deste sujeito e sobre si mesmo, tornem-se claras.

Desta forma, associo tais considerações ao episódio que impulsionou a prática artística deste trabalho e, principalmente, a sua instauração como um todo e os processos subjetivos advindos dela que foram produzidos em mim. Foi através da quebra e descontinuidade deste amor que uma nova perspectiva, sobre a vida, sobre o meu Eu, e sobre a arte surgiram em meu consciente; foi a partir deste momento que uma nova realidade se abriu frente a mim e uma inédita concepção sobre o meu Eu revelou-se.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- CATTANI, Icleia; FARIAS, Agnaldo (Org.) Icleia Cattani. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
- DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. São Paulo: Paz & Terra; Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. Lisboa: Veja, 2002.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Acaso e repetição na psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

## Notas

<sup>3</sup> Utiliza-se como referência acerca do conceito de repetição o livro "Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões" de Luiz Alfredo Garcia-Roza, o qual traz um compilado de textos e considerações acerca da repetição de alguns filósofos, tais como Friedrich Hegel, Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud.